

BRUNSCHVICG CRÍTICO DO POSITIVO

Marly BULCÃO
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

O objetivo do trabalho é fazer uma leitura de Léon Brunschvicg como crítico do positivismo comteano.

A crítica brunschvicguiana diz respeito à ambigüidade do pensamento comteano que retoma dois movimentos filosóficos divergentes dos quais sofre influência.

De um lado, Comte retoma a doutrina do progresso de Turgot e de Condorcet e de outro, a filosofia da ordem de Joseph de Marte.

Segundo Brunschvicg, a coexistência de teses heteróclitas no positivismo comteano é dissimulada pela uniformidade da linguagem que impede que as contradições inerentes ao sistema sejam reveladas com nitidez.

RESUMÉ

Le but du travail c'est de faire une lecture de la pensée de Léon Brunschvicg comme critique du positivisme comteanne.

La critique brunschvicguiène se rapoort à l'ámbigüité de la pensée comteanne qui a repris deux mouvements philosophiques divergentes, dont il a souffert l'influence.

D'un coté, Comte reprend la doctrine du progrès de Turgot et Condorcet et de l'autre, la philosophie de l'ordre de Joseph de Maître.

Selon Brunschvicg, la coexistence de thèses heteroclites dans le positivisme comteanne est dissimulé par unifornitém du langage qui empêche que les contradictions inhérentes aux systéme se révèlent avec netteté.

Léon Brunschvicg nos ensina, através da vasta obra e erudição prodigiosa, uma verdadeira filosofia da inteligência. Enfatiza, através do seu idealismo, a liberdade e o dinamismo da razão, cujo trajetória do progresso leva à objetividade racional, assim como, à consciência moral. O pensamento

brunschvicguiano revela-se, neste sentido, como um profundo humanismo.

Ao longo de suas obras, Brunschvicg atribui à análise força vitoriosa de verdade, contestando a pretensão ilusória da síntese e a ineficácia do dogmatismo. A análise se impõe, para ele, como o

método que assegura à razão liberdade e dinamismo, pois permite que esta se desenvolva, através de idéias sempre novas sem se prender às amarras de princípios sintéticos. Apresenta-se assim, como um crítico tenaz do positivismo comteano que, segundo ele, optou pela síntese em detrimento da análise. As obras brunshvicguianas, apontando as ambigüidades do pensamento de Comte, demonstram repúdio aos pressupostos de unidade e de continuidade que servem de fundamento para esta doutrina.

É nosso objetivo aqui resgatar a crítica brunshvicguiana ao positivismo comteano, pois trata-se da abordagem bastante original que, voltando-se para os escritos de Comte, mostra que as ambigüidades apresentadas por este, podem vir a comprometer o sistema. Cabe ressaltar, entretanto, que a abordagem que faremos aqui da doutrina comteana, será indireta, ou seja, vamos discutir certos aspectos do pensamento positivista a partir dos textos e da interpretação do próprio Brunshvicg.

Devemos começar nossa análise com um esclarecimento, tendo em vista que em uma conferência intitulada: *Positivism, intuitionism, mysticism*,¹ Brunshvicg afirma que não considera o positivismo comteano como uma doutrina oposta a seu pensamento. A afirmação brunshvicguiana é perfeitamente compreensível dentro da proposta desenvolvida nesta mesma conferência. Seu objetivo nesta palestra é demonstrar que sua perspectiva filosófica é, fundamentalmente, um racionalismo aberto e dinâmico e, como tal, não deve ter contrários. Procura, então, deixar claro que as diversas doutrinas filosóficas nada mais são do que etapas do desenvolvimento da razão que, detendo seu movimento por um instante, cristaliza-se numa determinada perspectiva². Neste sentido, para Brunshvicg, o racionalismo é a filosofia que consegue expressar as diversas etapas, pelas quais a razão atravessa ao longo de seu desenvolvimento, não podendo, portanto, existir perspectivas que a ele se oponham.

Pode-se, então, depreender daí que a afirmação brunshvicguiana de que o positivismo não é uma doutrina oposta a sua, tem como objetivo, apenas, ressaltar o caráter geral do racionalismo que é, para ele, uma perspectiva que engloba todas

as demais, não podendo, por isso, ter contrários. Não se pode desprezar, no entanto, que, ao longo de sua obra, Brunshvicg faz sérias críticas ao positivismo comteano, tornando evidente que o idealismo crítico é uma filosofia que renega os pressupostos de unidade e continuidade, tornando-se, assim, incompatível com o positivismo.

Como prova do que acabamos de dizer, devemos lembrar que nessa mesma conferência, Brunshvicg apresenta, em seguida, diversas críticas ao sistema comteano, começando pela crítica do “realismo social” que, segundo ele, é um dos fundamentos do sistema comteano. Conforme mostra, o “realismo social” afirma a transcendência da sociedade em relação ao indivíduo, o que faz com que a verdade se constitua fora da inteligência individual, passando a ser fruto de um entendimento coletivo, manifestado pela tradição social. Nesse sentido, o conteúdo das representações sociais se impõe fora da consciência, tendo seu valor de verdade e objetividade fundamentado na idéia de substrato social. Para o idealismo crítico brunshvicguiano não tem sentido a idéia de indivíduo em si, nem a de sociedade em si, pois o individual e o social são caracteres que surgem da organização progressiva de juízos, devendo ser, portanto, predicados e não substratos. Conforme diz em sua crítica, “o positivismo, enquanto um dogmatismo contrário e impermeável, se apresenta hoje sob um aspecto, o do realismo social”.³

A crítica mais fundamental feita por Brunshvicg ao positivismo se refere, entretanto, à ambigüidade apresentada pelo sistema. Conforme mostra, a doutrina comteana se constituiu pela retomada de dois movimentos filosóficos divergentes que lhe antecederam. De um lado, Comte se liga aos enciclopedistas, retomando de Turgot e Condorcet a doutrina do progresso e, de outro, liga-se aos românticos, admitindo, assim, a sociologia da ordem. A análise das obras comteanas deixa muito claro que a doutrina do progresso serve, apenas, de fachada para encobrir sua adesão ao movimento romântico de Joseph de Maistre e de De Bonald, que é a que acaba finalmente predominando sobre suas idéias. A coexistência de perspectivas filosóficas antagônicas, faz do sistema, uma filosofia ambígua e paradoxal, suscetível às mais diversas interpretações. A convivência de teses heteróclitas no seio do positivismo é, segundo a interpretação

brunschvicguiana, dissimulada pela uniformidade da linguagem que impede que as divergências e ambigüidades apareçam de forma clara.

Retomando algumas idéias desenvolvidas pelos enciclopedistas Comte se une a D'Alembert na negação das idéias inatas e na aceitação do sensismo de Locke. Com o intuito de ressaltar a perspectiva histórica, Comte se filia a Condorcet, mostrando que a civilização segue uma linha de progresso, progresso este que se apoia sobre a objetividade do saber científico.⁴

Conforme mostra Brunschvicg, ao retomar a doutrina do progresso, que afirma que a sociedade se desenvolve através da autoridade da razão e da liberdade individual, Comte está optando pela análise em detrimento da síntese, pois aceitar tal doutrina, implica em negar que o progresso social seja regido por princípios préfixados, o que significa que só pode ser apreendido pela análise positiva dos fatos.

Partindo do princípio de que segundo essa doutrina, o progresso está relacionado ao desenvolvimento do saber científico, Brunschvicg mostra que em relação à concepção de ciência, Comte também se posicionou inicialmente a favor da análise. *Cours de philosophie positive* desenvolve uma concepção de conhecimento científico que tem como fundamento as obras de Lagrange e Fourier que estenderam à aplicação científica os princípios filosóficos dos enciclopedistas. Comte dedica seu livro a Fourier, o que é uma demonstração de sua admiração pelo trabalho deste, e no decorrer da obra refere-se novamente à teoria analítica de Fourier, afirmando.

*Eu não temo dizer, como se eu estivesse a séculos de hoje, que depois da teoria da gravitação nenhuma criação matemática teve contribuição mais valiosa do que esta, quanto ao progresso da filosofia natural.*⁵

Conforme afirma Brunschvicg, a idéia verdadeira de ciência físico-matemática é exemplificada no *Cours de philosophie positive* pela mecânica analítica de Lagrange e pela teoria analítica do calor de Fourier, que, aplicando a análise aos fatos que a experiência forneceu, consegue eliminar da ciência, os vestígios metafísicos e impor a condição de perfeita positividade. Os dois primeiros volumes desta obra

se referem às soluções encontradas pelos cientistas, através do uso do método analítico que permite que se estabeleça uma conexão entre matemática e os fatos da natureza. A exaltação das obras de Lagrange e de Fourier significa a adoção, por parte de Comte, da análise como método adequado à ciência positiva e a negação da síntese como método subjetivo e metafísico.

Segundo Brunschvicg, Comte retoma, também, além da herança dos enciclopedistas, os fundamentos filosóficos que sustentam a sociologia da ordem proposta pelos românticos no início do século XIX. O movimento romântico se apresenta como reação às idéias de revolução, de autoridade da razão e da liberdade individual. Joseph de Maistre e De Bonald reivindicavam a subordinação da ordem social a um princípio transcendente, mostrando que o estado de desordem é passageiro porque não é natural e a essência objetiva da liberdade é seguir a ordem. Comte retoma de De Bonald e de Joseph de Maistre, o "realismo social", passando a considerar a sociedade como realidade transcendente ao indivíduo e mostrando que a ordem só pode ser restabelecida por um princípio de autoridade, pois a diversidade de opiniões dos indivíduos abala a ordem e compromete a unidade do governo. Negando os pressupostos religiosos que estão por detrás da noção de ordem, Comte procura conciliar a sociologia da ordem com a idéia de progresso do saber científico, mostrando que só a ciência pode ser o princípio que leva ao estado de ordem novamente. O objetivo de Comte é fazer da política uma ciência de observação, que, empregando o método positivo, consegue unificar os homens em torno das idéias políticas. Sua meta principal é estender o domínio da positividade científica ao conhecimento da humanidade onde ainda persiste a metafísica individualista do século XVIII. Segundo o realismo social comteano a verdadeira ciência do homem é a ciência dos fenômenos coletivos, pois só há ação geral combinada.⁶

Dessa forma, o positivismo procura sintetizar no seu interior dois movimentos contrários a doutrina do progresso e a sociologia da ordem. Ao lado do "positivismo da razão", representado pela perspectiva dos enciclopedistas que fundamenta o progresso no desenvolvimento da ciência, está "o positivismo da Igreja", representado pela sociologia da ordem, que como toda religião, impõe a

necessidade de um princípio de autoridade. Conforme diz Brunschvicg:

*Há um positivismo da Igreja, fundado sobre o sentimento de confiança que um homem prova (e compartilha) no valor único de seu pensamento e através do qual tem a ilusão de poder criar o método e ditar o avanço dos resultados de disciplinas que não estão ainda constituídas no estado de ciência.*⁷

Brunschvicg conclui, então, afirmando que a filosofia comteana exprime numa linguagem única duas concepções de vida e de mundo diametralmente opostas.

Sua crítica mostra que a análise positiva do progresso e a síntese dogmática da ordem são idéias que se alternam no pensamento comteano. Através do desenvolvimento do *Cours de philosophie positive*, esses dois elementos vão mudando de elemento dominante em elemento recessivo e vice-versa. Constata que Comte se defrontou com a seguinte alternativa: ou a sociologia reconhece a importância da análise positiva e passa a explicar as instituições da sociedade por sua história; ou a sociologia se define por uma síntese dogmática, na qual a sociedade é tomada como substrato ontológico e as instituições vão ser explicadas como produtos desse substrato.

Para Brunschvicg foi muito importante na constituição do positivismo a influência que Comte recebeu de um cientista denominado Dr. Burdin que, embora não seja citado na obra comteana, teve suas teses publicadas por Saint Simon. Partindo da idéia de que todas as ciências foram no início conjecturais para depois se tornarem positivas, Dr. Burdin conclui que também a fisiologia, estando, ainda, no estado conjectural, deve dar o passo definitivo para a cientificidade. O que parece estranho na declaração do cientista é que para dar tal passo, a fisiologia deve assumir uma postura contrária àquela das ciências positivas, isto é, abandonar a análise e retomar a síntese, onde as asserções da ciência vão estar sustentadas por idéias gerais. Retomando um texto de Brunschvicg, no qual à posição do Dr. Burdin, podemos constatar que “o segundo tema de Burdin vai consistir na recusa sistemática da análise, em uma espécie de atração nostálgica pela subjetividade da síntese”.⁸

O Dr. Burdin mostra, ainda, que a crise que a Europa estava atravessando após a Revolução Francesa e as guerras napoleônicas não poderia ser resolvida enquanto a sociedade não fosse reorganizada e que, para isso, era necessário que os homens passassem do estudo das matemáticas ao estudo dos seres vivos e das ações políticas. A ciência do homem seria a única que poderia levar à conciliação dos interesses sociais.

Segundo Brunschvicg essa idéia passa a ser desenvolvida pelo positivismo, quando, num certo momento, Comte decide substituir o “positivismo analítico da filosofia matemática” pelo “positivismo sintético da biologia e da sociologia”. Ao passar das ciências do mundo inorgânico para as ciências do homem, sua orientação muda, embora a unidade da linguagem na exposição nos impeça de perceber a mudança.⁹

Dessa forma, o positivismo reintroduz no seio da filosofia a ambigüidade e a incerteza das sínteses gerais, mostrando que no domínio da biologia e da sociologia, o espírito de generalidade deve prevalecer. Influenciado pelo Dr. Burdin, Comte restaura no campo das ciências humanas as sínteses gerais que embora tivessem constituído o verdadeiro método da ciência para Aristóteles, já haviam sido superadas pela análise cartesiana.¹⁰

A alternância da análise positiva e da síntese dogmática fazem do positivismo uma doutrina ambígua e incoerente. Com o intuito de adequar sua filosofia às idéias de ordem e de progresso, Comte é forçado a apresentar a divisão entre “sociologia estática”, na qual se estudaria a harmonia permanente das diversas condições da sociedade e “sociologia dinâmica”, na qual se estudaria o desenvolvimento e as leis de progresso da vida coletiva. O estudo estático coincide com a teoria positivada ordem e o estudo dinâmico, com a teoria positiva do progresso.

Conforme mostra Brunschvicg, a tentativa comteana de conciliar a doutrina do progresso com a sociologia da ordem não podia deixar de fracassar. Consciente disso, Comte passa a privilegiar a idéia de ordem, entregando-se à influência romântica e aderindo, como fez o Dr. Burdin, à síntese biológica¹¹. Um texto de Comte vem confirmar a interpretação brunshvicguiana, quando afirma enfaticamente que “o estudo abstrato da ordem

deve prevalecer sobre o do progresso, que é consequência natural deste”¹².

Dessa forma, o *Cours de philosophie positive* exalta no final, a idéia de “harmonia espontânea”, mostrando que a sociedade é um organismo social, no qual os elementos estão combinados de forma natural e que essa harmonia deve ser respeitada por qualquer sistema político. Vejamos:

*A sociologia estática passa a conceber racionalmente a participação necessária do conjunto do regime político no consenso universal de organismo social. Ora, o princípio científico desta relação geral consiste essencialmente na evidente harmonia espontânea que deve sempre tender a reinar entre o conjunto e as partes do sistema social.*¹³

Fiel à idéia de harmonia e sob o pretexto de uma regeneração social, Comte afirma a necessidade de conduzir as ciências à unidade de um sistema geral. Pretende, assim, conciliar definitivamente a positividade e a generalidade. Consciente de que as corporações científicas e os cientistas, individualmente eram contrários a essa integração das diversas ciências, impõe a necessidade de uma sistematização que seria feita pela filosofia.

Em sua crítica Brunschvicg mostra que para ser fiel à idéia de harmonia e de ordem, Comte faz de sua obra uma transposição das metafísicas filosóficas. A “harmonia espontânea” é metamorfoseada e as ciências passam, assim, a ser submetidas à subserviência da “política sociológica”, sem a qual a humanidade e seu equilíbrio harmonioso estariam em perigo.¹⁴

Dessa forma, a homogeneidade do sistema filosófico comteano é, apenas, aparente. A síntese do “gênio científico de positividade” com o “gênio filosófico de generalidade”, não passou de um sonho que Comte não conseguiu realizar e, na tentativa de fá-lo foi obrigado a sacrificar a própria doutrina positivista, na medida em que optou pelo predomínio da ordem sobre o progresso.

Como se pode ver nessa exposição, a crítica de Brunschvicg recai primordialmente sobre o espírito de síntese do positivismo. Pretende mostrar que a síntese é o eixo central do sistema comteano, pois está presente nos momentos mais diferentes

do desenvolvimento de sua filosofia. Está presente quando Comte conduz a sociedade a um substrato, unindo os fatos sociais, está presente quando esta reintroduz o método sintético na biologia e na sociologia e está presente quando a filosofia é definida como síntese dos resultados científicos.

O idealismo crítico é uma filosofia que exalta a análise, repudiando toda e qualquer síntese, admitindo, apenas, a síntese correlativa da análise, pois esta é parte do próprio método analítico. Para Brunschvicg, uma filosofia do espírito livre tem que optar pela análise, pois só assim, consegue apreender a fecundidade e a imprevisibilidade do processo racional.

Nesse sentido, ao criticar o espírito positivista de síntese, Brunschvicg está querendo dizer que este é o fator responsável pela concepção unitária e continuísta de razão. Optar pela síntese significa, para Brunschvicg, admitir que o progresso do saber é regido por uma lei transcendente e que, nesse sentido, é possível se determinar previamente o desenvolvimento da razão, bastando para isso que se conheça os princípios e categorias que regem seu processo de desenvolvimento.

Optar pela análise significa, ao contrário, aceitar que a razão é livre e fecunda e seu progresso se faz através da renovação constante do saber, sem que nenhum princípio transcendente ao espírito seja responsável por isso.

Na polêmica de Brunschvicg pode-se denotar outros pontos importantes para caracterizar a nova atitude epistemológica assumida pelo idealismo crítico.

No que se refere à ciência, Brunschvicg recusa o empirismo comteano. Não aceita que a ciência seja a expressão de leis que regem os fenômenos, obtidas através da observação de dados. Como idealista, afirma a primazia da consciência, mostrando que não tem sentido se falar em dados ou princípios que não sejam imanentes ao pensamento. A consciência é livre e, sendo assim, suas leis resultam de seu próprio desenvolvimento. Para Brunschvicg, o “dado” é constituído pelo próprio ato de pensar quando a razão, separando de si, seu conteúdo, afirma indevidamente que este existe com algo independente e fora de si. Nesse sentido, a ciência torna a expressão verdadeira da atividade livre de pensar. Criticando o empirismo,

Brunschvicg mostra que o “materialismo” comteano da matéria física ou das qualidades sensíveis se prolonga em um “materialismo dos conceitos” e das leis empíricas, definidas por sua generalidade e concebidas como comuns e constantes, como se o sujeito fosse tentado a considerar como absoluto tudo aquilo que se destaca do juízo. A convicção comteana de que a verdade é resultado, da experiência é antagônica às teses idealistas defendidas por Brunschvicg, que mostram que a verdade se dá no interior da consciência e é alcançada através da afirmação livre de um pensamento que julga. Não há, assim, no idealismo brunschvicguiano, uma distinção entre pensamento e ação, pois toda verdade é o exercício mesmo do pensar.

Em relação à noção de progresso científico a crítica brunschvicguiana ao pensamento comteano aponta a grande distância que os separa. Recusa o espírito de síntese do positivismo e exaltando a análise, o idealismo crítico se impõe como a filosofia que defende a razão livre, criativa e dinâmica. Dessa forma, o progresso aparece como o refazer-se infinito de relações inteligíveis, através do qual, vai se ampliando cada vez mais a racionalidade, à medida que as relações vão, se tornando mais complexas.

Criticando a perspectiva comteana, na qual o progresso científico representa processo contínuo de desenvolvimento do saber, através do qual os conhecimentos vão se acumulando, Brunschvicg mostra que o progresso científico implica em renovação e descontinuidade, pois cada etapa constitui uma novidade, na medida em que é a expressão de novas relações inteligíveis.

No que diz respeito à relação razão-experiência Brunschvicg critica mais uma vez o empirismo positivista que privilegia o papel da experiência no ato cognoscente. Embora afirmando a primazia da consciência e admitindo que a verdade se constitui no interior da razão, Brunschvicg ressalta em suas obras a importância da íntima solidariedade entre razão e experiência na construção do saber. Afirma que a física matemática é a expressão verdadeira da ciência, pois mostra como é possível unir numa única atividade os dois pólos do ato de conhecimento.

Pode-se, então, concluir que o idealismo crítico se situa nas antípodas do positivismo. Opondo-se à perspectiva positivista, afastando seus pressupostos, Brunschvicg pretende impor nova atitude diante da ciência e do progresso científico, uma atitude que se manifesta como repúdio às idéias de unidade e de continuidade, como recusa da síntese e da idéia de ordem, uma atitude que se impõe como exaltação da análise e da razão livre e fecunda, uma atitude que reconhece na ciência, uma atividade dinâmica e inesgotável.

NOTAS

- (1) BRUNSCHVICG, L. *Positivism, intuitionism, mysticism*, *Écrits philosophiques*, v. III, p.
- (2) IDEM, *L'orientation du rationalisme*, in *Écrits philosophiques*, v. II, p. 30-31.
- (3) Léon Brunschvicg, *L'orientation du rationalisme* in *Écrits philosophiques*, v. II, p. 32.
- (4) Léon Brunschvicg, *Les âges de l'intelligence*, p. 4.
- (5) Auguste COMTE, *Cours de philosophie positive*, v. II, p. 461.
- (6) Léon BRUNSCHVICG, *Le progrès de la conscience dans la philosophie occidentale*, v. II, p. 525-526.
- (7) Léon BRUNSCHVICG, *Les âges de l'intelligence*, p. 7.
- (8) Léon BRUNSCHVICG, *Les âges de l'intelligence*, p. 6.
- (9) IDEM *progrès de la conscience dans la philosophie occidentale*, v. II, p. 516-517.
- (10) Léon BRUNSCHVICG, *Le progrès de la conscience dans la philosophie occidentale*, v. II, p. 523-525.
- (11) *Ibid*, v. II, p. 526-528.
- (12) Auguste COMTE, *Cours de philosophie positive*, v. IV, p. 336.
- (13) Auguste COMTE, *Cours de philosophie positive*, v. IV, p. 336.
- (14) Léon BRUNSCHVICG, *le progrès de la conscience dans la philosophie occidentale*, v. II, p. 530-531.

BIBLIOGRAFIA

- BRUNSCHVICG, Léon, *Écrits philosophiques*, Paris, PUF, 1954, 3 v.
- _____. **La modalité du jugement**. 2. ed., Paris, Félix Alcan, 1934, 243 p.
- _____. **Introduction à la vie de l'esprit**. 3. ed., Paris, Félix Alcan, 1911, 175 p.
- _____. **L'idéalisme contemporain**. 2. ed., Paris, Félix Alcan, 1921, 185 p.
- _____. **La philosophie de l'esprit**. Paris, PUF, 1949, 184 p.
- _____. **Les étapes de la philosophie mathématique**. Paris, A. Blanchard, 1981, 592 p.
- _____. **L'expérience humaine et la causalité physique**. 3. Ed., Paris, PUF, 1949, 601 p.

- _____ . **De la vraie et de la fausse conversion et la querelle de l'athéisme.** Paris, PUF, 1951, 264 p.
- _____ . **Héritage de mots héritage d'idées.** 2. ed. Paris, PUF, 1950, 85 p.
- _____ . **Les âges de l'intelligence.** Paris, PUF, 1950, 85 p.
- COMTE, Auguste. **Opuscules de philosophie sociale: considérations philosophiques sur les sciences et les savants,** Paris, Heroux, 1883.
- _____ . **Discours sur l'esprit positif.** Paris, Société Positiviste Internationale, 1923, 472 p.
- _____ . **Cours de philosophie positive,** 6. Ed., Paris, Alfred Costes, 1934. 6 v.